

A CORTE ITINERANTE: ESPAÇOS DE PODER E DE PRESTÍGIO EM CASTELA (SÉC. XV)

THE ITINERANT COURT: SPACES OF POWER AND PRESTIGE IN CASTILE (15TH CENTURY)

Scarlett Dantas de Sá Almeida

Pesquisadora do PEM – Programa de Estudos Medievais, Brasil
Mestra em História pela Universidade de Brasília, Brasil
e-mail: scarlettgillis@gmail.com

DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v5i10.11001>

Recebido em 10 de dezembro de 2017

Aprovado em 15 de janeiro de 2018

RESUMO

Este artigo pretende analisar festividades de corte ocorridas durante a Baixa Idade Média, em Castela, registradas por Pedro Carrillo de Huete e pelo bispo Lope de Barrientos na *Crónica del Halconero de Juan II*, no século XV. Com base na reconfiguração frequente dos espaços de corte, na presença de diversos personagens nestes rituais e na maneira como eles se comportam, constata-se que o poder político da corte régia não está concentrado somente na figura do monarca e tampouco se estabelece numa relação de assimetria com os outros senhores e suas respectivas cortes. A leitura da fonte permite constatar a existência de um poder político que é exercido numa dinâmica espacial múltipla, orgânica e dependente do prestígio obtido na participação nas cerimônias de uma corte com características itinerantes.

Palavras-chave: Itinerância Régia; Cerimônias; Cortes; Castela.

ABSTRACT

The intention of this paper is to analyze court festivities during the Late Middle Ages in Castile, registered by Pedro Carrillo de Huete and the bishop Lope de Barrientos in *Cronica del Halconero de Juan II*, in the 15th century. Based on the frequent reconfiguration of spaces of court, the presence of various characters in the rituals and the way they behave, we observe that the royal court's political power is not focused only on the monarch and it does not establish an asymmetric relation with other lords and their respective courts. The analysis of the document allows us to find the existence of a political power that is practiced through a multiple spacial dynamics, organic and is dependent of the prestige obtained from the participation in the court ceremonies with itinerant characteristics.

Keywords: Royal Itinerancy; Cerimonies; Courts; Castile.

O tema das cerimônias e dos rituais de corte ganhou especial importância para a História Política, principalmente após a difusão de *A Sociedade de Corte*, de Norbert Elias, a

partir da década de 1980.¹ Até hoje, esta é uma referência importante para aqueles que se dedicam a estudar o teatro do poder monárquico. A forma como Elias se preocupa em dar historicidade ao seu pensamento sociológico, por meio de um permanente exercício de contextualização no tempo e no espaço, é inspiradora para nós, historiadores, cuja construção dos objetos de estudo depende da contextualização das fontes documentais e da própria bibliografia. Entretanto, os costumes e rituais de corte foram pouco abordados pelos medievalistas, sobretudo, em relação à Península Ibérica. A bibliografia refere-se, principalmente, à monarquia, com destaque para a capacidade desta em centralizar o poder, o que também, segundo vários autores, refletir-se-ia nas cerimônias e rituais. No que se refere a Portugal, por exemplo, poucos foram os trabalhos voltados para o estudo de uma cultura essencialmente nobiliárquica. Chega-se mesmo a afirmar que a nobreza parece estar ausente da corte régia.² No caso de Castela, a maioria dos estudos destaca o papel atuante da nobreza, mas concentra suas análises sobre os costumes, deslocando o foco para a figura do monarca.

Se, por um lado, é óbvio que não há corte régia sem o rei, frequentemente se esquece que também a nobreza é um elemento essencial para a identidade desse cenário do poder. Rei e nobreza fazem a corte. Neste artigo, desejamos apresentar alguns rituais e cerimônias desse corpo social, para entender esses costumes nobiliárquicos na corte e sua relação com a disputa pelo poder e o prestígio entre os próprios cortesãos. Porém, é fundamental esclarecer que a opção por priorizar um grupo não exclui os efeitos que esses costumes e essas disputas provocam no restante da sociedade. A corte era onde se encontrava o rei e o grupo de pessoas que o acompanhava, do qual faziam parte não só os membros do círculo restrito de familiares do rei e da rainha, mas também aqueles que se tornaram mediadores entre os poderes do monarca e do reino.

¹ A obra é considerada, juntamente com *O Processo Civilizador*, a base do pensamento de Elias. O trabalho constitui uma tese, jamais defendida por Elias, em virtude de seu exílio em Paris, logo após a ascensão nazista. Por esse motivo, o livro só foi publicado em 1969, mas correspondia a uma vertente que mesclava uma sociologia ainda dominada por Weber e uma história do século XIX, pelo que sofreu severas críticas ao longo dos anos, sendo taxada de ultrapassada. Ela só se torna um sucesso historiográfico a partir da década de 1980. SALVADORI, Philippe. Norbert Elias. In: SALES, Véronique (org). *Os historiadores*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 155.

² OLIVEIRA, Antônio Resende de. A Cultura da Nobreza (sécs. XII-XIV). Balanço sem perspectivas. *Medievalista*, n° 3, 2007. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalista-nobreza.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

Participando do convívio, das festas e cerimônias em torno da cabeça-política, a corte se entende como tal: um corpo político restrito e privilegiado por compartilhar o espaço público e doméstico com o monarca, compondo tanto as cerimônias mais espetaculares, quanto as mais modestas. Essa corte se organiza em uma rede complexa de deveres e favores (serviços e benefícios) em torno do rei, de tal forma que seus componentes, aos poucos, vão se tornando agentes a serviço da realeza. A função ritualística transforma-se em dever fundamental para o estabelecimento da própria identidade e dos privilégios do nobre na corte,³ em que a proximidade com a figura do rei tinha grande relevância. Numa definição encontrada nas famosas *Siete Partidas*, destaca-se:

Corte es llamado el lugar donde está el rey y sus vasallos y sus oficiales con él, que le han comunicado de aconsejar y servir, y los otros del reino que se llegan allá o por honra de él, por alcanzar derecho, o por hacer recaudar las otras cosas que han de ver con él, y tomó este nombre de una palabra del latín que dicen *cobors*, que muestra tanto como ayuntamiento de compañías, pues allí se allegan todos aquellos que han de honrar y aguardar al rey y al reino. Y otrosí tiene nombre en latín, curia, que quiere tanto decir como lugar donde está la cura, de todos los hechos de la tierra, pues allí se ha de considerar lo que cada uno ha de haber según su derecho o su estado. Otrosí es dicho corte, según lenguaje de España, porque allí está la espada de la justicia con que se han de cortar todos los males tanto de hecho como de dicho, así los tuertos, como las fuerzas y las soberbias que hacen los hombres y dicen, por las que se muestran por atrevidos y denodados; y otrosí los escarnios y los engaños, y las palabras soberbias y natías que hacen a los hombres envilecer y ser raheces.⁴

É interessante notar que a definição de “corte” abrange duas dimensões: uma final e uma espacial. Ao mesmo tempo em que a corte é o corpo responsável por preservar a justiça do reino, exercendo seu papel político, ela também será caracterizada como “corte” sempre que estiver presente o monarca e seus acompanhantes. Segundo Rita Costa Gomes, “a presença do rei define a ‘corte’: é um espaço real, mas também é um grupo de pessoas que acompanham o monarca, um organismo cujas configurações são fluidas, e que inclui todos aqueles que estão dentro deste espaço, mesmo que temporariamente.”⁵ Deve-se

³ GOMES, Rita Costa.. *The making of a court society*. Kings and nobles in late medieval Portugal. Translated by Alison Aiken. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 7-8.

⁴ *Las Siete Partidas del Rey Don Afonso El Sábio*, II Partida, Título IX, Lei XXVII. Disponível em: <http://fama2.us.es/fde/ocr/2006/sietePartidasT2.pdf>. Acesso em 20 nov 2014.

⁵ GOMES, Rita Costa.. *The making*, p. 13.

destacar que as definições de época não se ancoram no exclusivismo ou no monopólio do poder régio para dar existência à corte, mas insistem no seu caráter essencial de corpo.

A corte fomenta espaços diferentes de prestígio e seus respectivos rituais e cerimônias seguem essa mesma lógica. Nesse sentido, na Idade Média o poder se deslocar geograficamente de maneira constante e essa itinerância apoia-se numa multiplicidade de atores políticos, oriundos da nobreza, que configuram a corte juntamente com o monarca. Embora a corte seja uma entidade espacial, a sua mobilidade é uma característica e um modo de vida estreitamente ligados à própria condição da realeza, já que as sociedades medievais atribuíam grande significado à presença do rei nas diferentes partes do território.⁶ Apesar de ser uma tendência em regressão nos séculos XIV e XV, a itinerância ainda persiste nos finais da Idade Média, exercendo influência na estrutura e organização da corte e representando um modo de vida particular para os que dela fazem parte.

As crônicas régias são importante fonte de informações sobre a corte na Idade Média e, neste artigo, pretende-se explorar a *Crónica del Halconero de Juan II*, de autoria de Pedro Carrilo de Huete e do bispo Lope de Barrientos,⁷ com o objetivo de analisar alguns aspectos relativos à itinerância e ao prestígio desse espaço político, em Castela, no século XV.

A CORTE PARA ALÉM DO REI

A *Crónica del Halconero de Juan II* é uma narrativa que permite descobrir interessantes questões políticas em meio às descrições sobre diversos tipos de cerimônias e vida na corte. Ao longo da leitura nota-se que o relato de Pedro Carrillo destaca os aspectos domésticos da corte, seu cotidiano, festas e banquetes, ao passo que o foco de Lope de Barrientos incide nos acordos políticos, nas guerras e disputas entre os bandos, priorizando apenas os atos cerimoniais como juramentos e homenagens. Mesmo que os enfoques da narrativa de cada um deles sejam diferentes, ambos apresentam uma corte em pleno funcionamento, como espaço para atividades domésticas, alianças e rupturas políticas, exibição de prestígio, reuniões de conselho, tudo isso em meio a conflitos bélicos e a uma constante itinerância.

⁶ GOMES, Rita Costa. *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Alge: DIFEL, 1995, p. 244.

⁷ CARRILLO DE HUETE, Pedro. *Crónica del Halconero de Juan II*. Editado por Juan de Mata Carriazo. Madrid: Espasa-Calpe, 1946. Pedro Carrillo foi o autor da maior parte do texto, contemplando os anos de 1420 até 1441, o bispo Lope de Barrientos deu-lhe continuidade, a partir de 1441 até 1450, quando se encerra a crônica.

Pedro Carrillo de Huete, na condição de falcoeiro-mor de Juan II⁸, frequentou a corte do monarca com assiduidade não só em Castela, mas também na fronteira com Granada, até 1441. Desfrutando da proximidade régia, o cronista apresentou um diário da vida do rei e da corte como testemunha, registrando os eventos e os personagens da época. O valor histórico do relato de Carrillo de Huete é relevante na medida em que o cronista fez uso frequente e sistemático de cerca de duzentas fontes documentais, que compreendem cartas diplomáticas, relatos de guerra, pregões, notícias, solenidades, entre outros.⁹ Seu trabalho configura uma espécie de grande registro de entradas e saídas de documentos oficiais, no intuito de registrar quando, onde se deram as realizações do reinado de Juan II.

Considerando a repetição e descrição dos eventos contidos principalmente na parte do documento escrita pelo falcoeiro, destaca-se uma lógica do poder e do prestígio que se relaciona diretamente com a itinerância da corte régia. Se analisarmos o poder na perspectiva de uma dinâmica espacial múltipla e orgânica, tal como a crônica nos mostra, percebemos que ela não se concentra apenas na figura do monarca e da corte régia, nem numa relação assimétrica em relação aos outros senhores e suas respectivas cortes. Desenha-se um poder plural, localizado em diferentes espaços/cortes que se reconhecem como iguais.

Diferentemente das cortes do Antigo Regime, a corte medieval castelhana não se configura como um pólo único de poder e de prestígio. A cúria medieval constitui-se como espaço de prestígio de acordo com a itinerância régia, e a própria deambulação do monarca é determinada pelos espaços de prestígio nobiliárquicos que se espalham pelo território do reino. Esses espaços podem ser apropriados no plano físico e simbólico. Ao mesmo tempo em que indivíduos convivem física e assiduamente com o monarca na corte, e por isso ganham prestígio, eles também se apropriam dos nomes e referências de outras localidades para alcançar mais prestígio, sem que verdadeiramente necessitem viver nesses espaços.

⁸ Filho de Enrique III com Catalina de Lancaster, Juan II (1405-1454) herdou e ocupou o trono de Castela e Leão de 1406 até 1454. Seu reinado é caracterizado por constantes conflitos e alianças com os reinos de Aragão e Navarra, além de guerras contra a ocupação moura na região. Grande parte da historiografia tradicional considera Juan II um monarca “fraco”, destituído de características de um príncipe e submisso ao seu condestável, Álvaro de Luna. Apesar destas atribuições, Juan II deu prosperidade ao reino de Castela e ainda foi sucedido por três de seus seis filhos: Enrique IV, fruto do casamento com Maria de Aragão; e Alfonso e Isabel (a Católica), ambos fruto do segundo casamento com Isabel de Portugal.

⁹CARRIAZO, Juan de Mata. Notícia preliminar. In: CARRILLO DE HUETE, 1946, p. XII.

Pensamos que a corte real certamente representava um canal de prestígio importante; mas não era o único. O protagonismo que esta corte assume nos estudos sobre a temática cortesã se explica na medida em que a maioria dos documentos medievais registra os feitos dos monarcas, seus atributos morais, seu desempenho bélico, sua boa administração do reino, etc. Além desse aspecto, deve-se ainda destacar a maneira como eles foram - e ainda são - interpretados, o que muito contribuiu para que os estudos sobre essa temática se concentrem apenas na figura do rei.

Contudo, destacamos que, além de existirem fontes que abordam outros personagens importantes, com descrições minuciosas acerca de rituais e cerimônias de corte, mesmo os documentos que pretendem enaltecer a figura do rei registram grande variedade de personagens, cortes e costumes, que permitem descobrir diferentes espaços e maneiras que conferem prestígio.

As próprias crônicas régias, que visam destacar a figura do rei, não permitem concluir que a corte do rei fosse a única via para conferir valor e status aos convivas. Embora essa tipologia documental, de iniciativa dos próprios monarcas, pretendesse apresentar o cenário dessa maneira, uma leitura mais atenta revela a existência de outros espaços de prestígio que se interligam constantemente e que concorrem de maneira equivalente em suntuosidade e grandeza com o do monarca. A crônica de Carrillo de Huete nos fornece trechos significativos acerca desses espaços que disputavam com a corte régia.

UMA CORTE DE MUITOS SENHORES

Nos capítulos do *Halconero*, é descrita uma sequência de festas de cavalaria ocorridas no reino de Juan II, momento de grande efervescência política em Castela. A apresentação desses festejos é bastante rica em detalhes, como na festa promovida pelo infante Dom Enrique¹⁰:

Fizo em la plaza de la dicha villa, al cantón de la calle que sale de la puerta del Canpo a la plaza, vna fortaleza, la qual hera de madera e de lienço. Hera fecha por esta vía: vna torre muy alta, com quatro torrejones

¹⁰ Dom Enrique de Trastámara (1400-1445) foi infante de Aragão, duque de Villena, senhor de Ledesma e mestre da Ordem de Santiago até sua morte. Era filho de Fernando I de Aragão com Leonor de Albuquerque e casado com a irmã do rei Juan II, Catarina (1403-1439).

encima; encima del suelode la torre, yn campanário fecho, e vna canpana puesta en él. E encima del campanário vn pilar, fecho por la mesma vía de la torre, el qual parecia de piedra.

E encima del pilar estava vn grifo dorado, el qual tenía em los brazos vn estandarte muy grande de blanco e colorado. E em los quatro torrjones, encima de la torre, em cada vno su estandarte pequeno, por la mesma vía que el mayor.¹¹

Pelas minúcias estéticas e arquitetônicas do cenário da festa, percebemos que se tratava de um verdadeiro espetáculo cavaleiresco: além das torres, fortalezas, confecção de bandeiras e estandartes, a festa contava com animais, menestréis, carro alegórico, muitas donzelas e roupas de tecidos luxuosos.¹²

O grande evento organizado pelo infante Dom Enrique, no entanto, não destoava das festas que são apresentadas na sua sequência. Uma delas, oferecida por dois membros da nobreza castelhana e navarra, confirmam tais características:

Luego el martes siguiente, que se contaron ocho días del mes de junio del año de veynte e ocho, fezieron armas retretas, delante el señor Rey de Castilla, mosén Gonzalo de Guzmán, señor de Torija, com vn cavallero de Aragón, que se llamava mosén Luys de Faces.

E la liça donde ficieraon el campo fué em el corral de San Pablo de Valladolid. E fué muy ordenada, de sus palenques doblados, e de dentro su patín para a pie, al pie de donde estaban los cadahalsos donde mirava el señor Rey. E las armas fueron/ em esta guisa: vna tela puesta en mitad de la liça, e a las dos esquinas dos tendas. E ellos venieron ay com cada três pajés bem rricos, e sus estandartes, e com muchos farautes e menestriles e tronpetas.¹³

Estes fragmentos mostram forte semelhança entre os rituais das festas, seja na sua decoração e ou na sequência das etapas que as compõem. Isso aponta para a existência de um modelo festivo que revela uma forte concorrência entre os membros da nobreza. Esses nobres, cavaleiros e/ou anfitriões desses eventos, rivalizam entre si para oferecer as festas mais brilhantes, os banquetes mais suntuosos e as celebrações mais memoráveis.¹⁴ As justas, os duelos e torneios, e demais modalidades que envolvem as festas cavaleirescas,

¹¹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 20.

¹² CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 22.

¹³ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 26.

¹⁴ MARTIN CEA, Juan Carlos. Entre platos, copas y manteles: usos y costumbres sociales en torno a las comidas en la Castilla Bajomedieval. In: MARTIN CEA. *Convivir en La Edad Media*. Burgos: Editorial Dossoles, 2010, p. 271.

pressupunham grandes somas de dinheiro transformadas em espetáculo para os participantes e o público.¹⁵

Mais adiante, Carrillo de Huete mostra como esses membros da nobreza peninsular estão reunidos em um mesmo contexto cerimonial; cavaleiros e promotores de festas circulam entre os reinos, em busca de oportunidades para ostentar seu poder e aumentar seu prestígio. Nem mesmo o monarca foge a esta regra, tendo em vista que sua condição nobre exige virtudes cavaleirescas que devem ser demonstradas. Se as reverências ao final dos torneios se destinam à sua figura, o rei, por meio da adulação e da emulação, também reconhece os seus iguais:

E luego tomaron los padrinhos, e llegaron al Rey a fazerle rreuerençia, e troxiéronlos cada vno a su tienda, a desarmar. E luego e señor Rey de Castilla enbióles sendas rropas bien rricas, de clemesín brocado de oro e afforadas de martas, com que salieron de las tendas. E los padrinhos de los caballeros eran éstos: de mosén Gonzalo de Guzmán, don Fadrique, fijo del almirante de Castilla; e de musén Luys, Iñigo López, senõr de Buytrago, fijo del almirante Diego Furtado.¹⁶

Novos espaços de prestígio são representados pelas festividades que ocorrem em várias vilas e cidades ao longo do reinado de Juan II, promovidas pela monarquia e pela nobreza. Nas cerimônias de entrada do monarca em Toledo, Carrillo de Huete detalha a suntuosidade da chegada real na cidade e como o evento foi organizado pelos alcaides e regedores:

E los alcaldes e rregidores de la çidad tenían ordenado vn cadahalso de madera vien alto, todo cobierto de paños franceses; el qual tenían fecho em derecho de la puerta de la huerta que se llama del Rey. En el qual sobió el Rey, con muchos nobles caballeros. E ally estaban catorce omes de los de la çidad, que eran todos alcaldes e rregidores; todos catorce vestidos de vna librea, de sendas ropas fasta el suelo de escarlata colorada, e sus capirotos grandes del paño mesmo, todas las rropas e capirotos forrados de terçenel colorado.¹⁷

Rituais religiosos foram realizados para felicitar o rei, tendo em vista que as vitórias nas batalhas do monarca castelhano sobre os mouros foram atribuídas à ajuda divina. Diante do palco em que se encontrava Juan II, desfilou uma grande procissão que

¹⁵ ANDRÉS DIAZ, Rosana de. Las fiestas de caballería en la Castilla de los Trastámara. *En la España Medieval*, v. 8, p. 95, 1986.

¹⁶ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 26.

¹⁷ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 110.

começara na catedral, “vien ordenada e muy rrica de ymáginés e de muchas rreliquias”.¹⁸ O valor material dos objetos e apetrechos utilizados nessas formalidades é uma forma de reforçar a importância daqueles que fazem uso desses aparatos - o rei - mas também todos que o saúdam:

E después que pasó la proçesión, descendió el Rey del cadahalso, e tenían los alcaldes e rregidores vn paño de oro clemseión brocado de los lavores, muy rrico, con catorce varas muy largas en las manos, todas blancas argentadas. E por todas las varas desçendian desde el paño por cada vna vara vna flocadura a la rredonda en culebreta de oro e de seda clemesyn. E púsose el señor Rey so el paño. E así mouieron fasta la puerta de la huerta, ante lo qual estaua fecho vn rrico estrado cubierto de un rrico paño de oro, ençima del qual estava vna cruz de oro muy rrica. E ally adoro el señor Rey aquella cruz, e le dixieron vna oraçión.¹⁹

Se ao monarca é oferecido um lugar sob um pálio feito de materiais valiosos, Juan II oferece seu pendão real como forma de reconhecimento àqueles que detêm prestígio na cerimônia:

E luego allí ofreció el señor Rey dos pendones que traya, e dió el vno a don Vasco Ramírez de Guzmán, arçidiano de Toledo, el qual era de sus armas rreales, de castillos e leonês; e el outro mandó dar a don Martín de Guzmán, fiyo de don Álvaro Pérez de Guzmán, que a este tienpo era canónigo en la yglesia, el qual era de la ymagen de Santiago. Los cuales llevaron así en la proçesyón.²⁰

Esses elementos decorativos e o ato de entrega das insígnias aos participantes da cerimônia estavam inseridos em um espetáculo que envolvia toda a cidade. Segundo o cronista, pelas ruas viam-se paredes e sobrados ornados com panos franceses coloridos, muitos ramos e muitas plantas. Da entrada do Zocodover até a catedral as ruas foram cobertas por um “céu” feito de panos brancos, verdes e azuis, de tal maneira que tapavam o sol. A cidade inteira felicitava o rei, e suas ruas “estavan llenas de muchas gentes de muchas guisas, asy en las puertas como en los sobrados e por ventanas”.²¹ Esse espaço de prestígio, apesar de ser público, e contar com a presença de diferentes grupos sociais, não se desvincula da lógica de prestígio restrito aos nobres. Mesmo que a entrada real

¹⁸ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 110.

¹⁹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 110.

²⁰ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 110.

²¹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 112.

transcorresse em um ambiente coletivo, no mesmo dia ocorriam outras cerimônias em locais privados, reservados a poucos, como a casa do pai de Juan de Silva:

E esta tarde, por seruício del Rey y por onrrar rreçebimiento, mantou vna tela Jhoan de Sylva, con çiertos cavalleros. E pidió por merced al señor Rey e al su condestable que quisiese la merced dellos esa noche tomar seruício en casa de su padre, e çenar e dormir allí, el qual le fué outorgado; e así mesmo conbidó todos los cavalleros mançevos que justaron, e a otros grandes señores. En la qual çena el señor Rey fué mucho bien seruido, e todos los otros, de muchas nobles dueñas e donzelas, que fueron allí llegadas por fazer seruício al Rey e onrrar la fiesta. En la qual noche obo ally muchos deportes.²²

Não só o monarca, mas seu condestável e todos os grandes senhores participaram de um jantar solene oferecido por um nobre. A ocasião pareceu dar conta da qualidade de seus participantes, de forma a que todos os presentes fossem bem servidos. Tais cerimônias, em que o monarca não é o anfitrião, aparecem documentadas em outras passagens da crônica. Seleccionamos, como exemplos, um jantar ocorrido em Santa Cecília, o batismo do filho do condestável castelhano e as justas oferecidas por Álvaro de Luna e Iñigo Lopes de Mendoza.

Em 1435, Juan II partiu de Madrid em romaria a caminho de Santa Maria de Guadalupe, a fim de visitar uma capela que mandara construir.²³ Quando chegou, foi recebido com uma procissão solene:

E desde luego llegó a fuera de la yglesia, estáuale la proçesión esperándole, muy solenemente, e avía en ella çiento e veynte frayles; e así entró en la yglesia, e fizo la oraçión en el altar de la Señora Santa María, e adoró la cruz, e fuése a su câmara.

Luego el domingo comió en el rrefitorio, e todos los fraydes ally onde lo abían acostumbrado. E a sua mesa comió el Príncipe don Enrrique su fijo, e el prior Pedro de las Cauañuelas.

E otro día, lunes, fué a comer el Rey con el prior a Santa Ceçilia, vna legoa de Guadalupe, e dióle muy vien de comer, e el Rey tomó muy grande plazer en ver aquella casa tan hondrada, e tan graçiosa como ella era. E a la tornada vinose por los molinos de estanco, ovo gran plazer en ver tan ondrado artificio.²⁴

Neste trecho podemos notar alguns hábitos da rotina do monarca, como o de retirar-se a seus aposentos após participar de uma cerimônia pública. Destacam-se ainda

²² CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 112.

²³ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 195.

²⁴ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 196.

alguns costumes à mesa, que revelam detalhes sobre o prestígio conectado a rituais de comensalidade. No primeiro caso, percebe-se que apesar de Juan II se alimentar em um aposento juntamente com outros frades, apenas seu filho Enrique e o prior, Pedro de las Cabañuelas, dividem a mesa com o rei. No dia seguinte, o monarca repete o ritual com o prior, mas desta vez em Santa Cecília. O deslumbre e admiração que Juan II demonstra pela casa onde foi servido mostram que se tratava de outro espaço digno de prestígio em que os hábitos de corte se mantêm, mesmo fora do palácio régio.

Outro momento representativo da forma como se entendiam os espaços de prestígio é a cerimônia de batismo do filho do condestável, Álvaro de Luna, nascido em 24 de junho de 1435,²⁵ e batizado no dia 3 de julho do mesmo ano. A criança era fruto do segundo casamento do Condestável, com Juana Pimentel, filha do conde de Benavente, Dom Rodrigo Alfonso Pimentel. O batizado é caracterizado como uma grande cerimônia:

E fizieron esta çirimonia en la posada del condestable su padre, en esta manera.

El Rey e la Reyna comieron con él en su posada, e las dueñas e donçellas que con la Reyna yvan, e el conde de Haro don Pero de Velasco. E luego en la tarde [...] vatearon al niño con gran çirimonia el Rey e la Reyna. Fueron padrinhos el conde don Pero de Çúñiga, e el conde de Castañeda, don Garçía Fernandes Manrique; e madrina doña Veatris, fija del rrey don Dony. El perlado que lo vateó era don Pedro, nieto del rrey don Pedro, obispo de Osma.²⁶

É relevante sublinhar o status dos nobres que participaram do evento: além do rei e da rainha, o batismo contou com a presença de condes e pessoas de renome, como a madrinha e o prelado, ambos filhos de reis. Todos eles estavam rodeados de pessoas de prestígio em um espaço de prestígio, que não era o palácio régio, mas a casa do contador Alfonso Álvarez:

Asy vateado el niño, tocaron los menestrilles, e dançó el Rey e la Reyna, con ciertos gentiles onbres [...] cada vno con su dama. E fué vateado en las casas de Alfonso Álvarez, contador, donde el condestable posaba. E la pila era vna grande vaçina, do acostunbrauan vañarse las dueñas, toda guarnida de paño de oro en derredor. E después que así ovieron dançado el Rey e la Reyna, vinieron otros gentiles onbres fechos momos, e dançaron vn rrato; e luego dieron colasción muy solene. E esta noche

²⁵ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 211.

²⁶ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 211.

çenó el Rey con el condestable; e dió el Rey a la condessa vn diamante e vn rrobí que fue apreciado en tres myll florines.²⁷

Assim como Juan de Silva e Alfonso Álvarez, o condestável também ofereceu sua casa e deu festa aos membros da nobreza. A quantidade e a qualidade dessas recepções, festividades e justas atestam a capacidade dessa nobreza de circular, de se organizar para participar das solenidades e exibir seu comportamento. Várias das festas promovidas por Álvaro de Luna ocorrem em diferentes localidades, característica inclusive destacada pelo cronista.²⁸ A primeira dessas cerimônias é a recepção oferecida a Juan II em 1432, em Ayllón:

E estando ende fasta el viernes, que entró en Ayllón, logar del condestable.

E ende le fizó vna fiesta en esta manera. Mandóle poner dos cadahalsos en la dehesa que es entre San Bartolomé e San Lázaro, allende de la puente, e dos tendas, vna en vn cantón de la tela, e outra al outro cantón. E la tabla fué de vn paño colorado, e los palos en que estaua puesto este paño eran todos de colorados; e cada canto de la tela vn álamo postiço, e ençima de cada álamo su pendón de las armas del condestable. E ellos eran fechos quadrados e pequenos, a la manera de Italia. E bien guarnidos de paños françeses e de paños de oro, según que la rrazón lo rrequería.²⁹

Os ofícios e os acompanhantes dos participantes da justa são descritos de maneira detalhada, repetindo-se as qualificações na ênfase dada à forma como eles se apresentavam. Todos os cavaleiros estavam “vien endereçados”, “muy bien adereçados” ou “bien guarnidos a maravilla”. Nas palavras do cronista:

E estos caualleros eran de los gentiles onbres de su casa que a la sazón vinieron a esta fiesta.

E luego al punto salieron de la villa de Ayllón diez cavalleros vien endereçados, que eran de la casa de Fernán Lopes de Saldaña, su contador mayor, e otros sus cavalleros. [...].

E estando justando, vino Juan de Sylua su criado, señor de la villa de Çifuentes, e con él nuebe caualleros, todos de su librea, muy bien adereçados. E luego a poco de ora pareció don Fadrique, conde de Luna, con doze cavalleros, que uenían de vna aldeã de Ayllón que llaman Mançagatos; e traya de su cuerpo quatro pajes muy bien guarnecidos, e traya vnas vças ytalianas de damasco, e los caualleros en que yvan los pajes

²⁷ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 211-212.

²⁸ Em várias passagens, Carrillo de Huete identifica determinada cidade, ou vila, como “logar del condestável”, sendo exemplos o município de Maqueda, a vila de Escalona, Castillnouo, Adradra e Ayllón. CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 129, 162, 195, 197, 236.

²⁹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 129-130.

muy vien guarnidos a maravilla. E los caualleros que con el conde venían trayan sus vças e sobrevistas de caualllos blancas, de la librea del conde, e cada cauallero su pajé guarnido por semejante.

E luego bino Ruy Días de Mendoça, mayordomo mayor del señor Rey [...] con onze caualleros muy bien endereçados. E traya consygo vna ynvencçión fecho a manero de carro, pero trayan omes de a pie. E encima del carro vn pajé assentado que llebava vna lança e vn escudo de azero. E todo muy vien guarnido.³⁰

A justa, que foi “la más fermosa que nunca se fizo en Castilla”³¹, encerrou-se com um jantar feito “muy solenemente” no castelo de Ayllón, para o qual o rei, a rainha Maria, o príncipe e todos os cavaleiros são convidados.³² Os aspectos descritos nesta cerimônia irão repetir-se na narração de outra festividade, oferecida pelo condestável, desta vez em Alcalá de Henares:

Estando el Rey don Juan en Alcalá de Henares, año de 1436 años [...] fizo una fiesta don Álvaro de Luna [...] muy solene, en que el Príncipe su fijo e caualleros e gentiles onbres que a la sazón en la corte estauan...La qual fiesta fué muy notablemente ordenada, de justas en arnés rreal, de día em vna floresta, e después en su posada de noche con antorchas, en arnés de guerra. Enla qual justaron muchos caualleros; e çenaron el Rey e Reyna e Príncipe en la posada del condestable, ricamente, e fizieron momos e danças que duraron fasta la media noche.³³

E, mais uma vez, encontramos o relato de outra festa organizada pelo condestável em 1436 em Toledo:

E el su condestable fizo la fiesta. Domingo siguiente corrieron doce toros, e miércoles, día de Santa María, fizo vna justa el su condestable. Sendo él mantenedor con once caualleros; a la qual salió el Rey con otros once caualleros, todos muy ondradamente guarnidos en arnés rreal. E acabada e a la noche, con fachas, el señor Rey e la Reyna, e todos los otros caualleros com ellos, se fueron a la posada del condestable, donde les fizo sala, segúnd cunplía a tal fiesta.³⁴

A festa foi patrocinada pelo condestável juntamente com outros onze cavaleiros. Esta prática da nobreza era bastante comum durante a Idade Média, e aponta para a complexidade da dinâmica política e cultural da aristocracia, que reforça seus costumes nas

³⁰ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 130-131.

³¹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 131.

³² CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 131.

³³ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 228.

³⁴ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 231.

festividades, em diferentes localidades. Se Álvaro de Luna fora patrocinador do torneio, em 1436, ele já havia sido aventureiro na justa ocorrida em Madri, em 1433, organizada pelo marquês de Santilhana, Iñigo Lopes de Mendoza, e por seu filho, Diogo Furtado. Novamente, o cronista destaca as etapas da cerimônia e a suntuosidade no modo como os cavaleiros se apresentavam:

Fué mantenedor Iñigo Lopes de Mendoza, e Diego Furtado su fijo. E la justa se fizo en el coso, delante de las puertas del alcázar del Rey. E Salió Iñigo Lopes a la tela con veinte caualleros e quatro pajes; e llebauan vna donzela cavo sy, en vn cosel blanco, e lleuaba trabada la donzela con vna estandarte delante dellos, en que yva fegurado el carneiro encantado con el velloçino de lana de oro.

Luego vino el condestable don Álvaro de Luna, por aventureiro [...]. Él se armó fuera, en el campo [...] E estauan ende el señor Rey, e la Reyna doña María su muger. E la cabalgada venía ordenada en esta manera.

Delante del ganado venían fasta cincuenta ginetes, e detrás del ganado fasta otros cincuenta vallesteros. E en pos de los vallesteros venía el condestable don Álvaro de Luna. E traya fasta setenta onbres de armas, muy vien guarnidos de todo lo que avían menester para la justa. E luego el condestable fizo çiertas carreras con Iñigo Lopes, e después mandó que justasen los otros cavalleros suyos con los de Iñigo Lopes.³⁵

Estes são alguns exemplos de cerimônias promovidas por nobres que demonstram que a corte régia, itinerante, se insere e concorre com outros espaços de prestígio. Mesmo que ao se deslocar pelo reino a corte régia não perca sua identidade, notamos que isso tampouco impede que outros personagens apareçam de forma proeminente durante as cerimônias, seja no papel de anfitriões ou de convidados. Tal aspecto é evidenciado em diversos momentos em que se descrevem festas, recepções e jantares promovidos por Juan II.

O primeiro deles é a notável justa ocorrida em Valladolid, em maio de 1434. Álvaro de Luna, no papel de capitão, foi acompanhado por trinta cavaleiros mancebos escolhidos dentre “los grandes que avía a la sazón em toda la corte”.³⁶ A charanga anunciada à porta do palácio convidava o “muy alto e muy poderoso príncipe, Rey e señor”³⁷ para ensaiar uma justa, e requeria alguns nobres para serem juízes:

A la qual essomesmo este cavallero suplica que mande al conde de Buelna, e a Iñigo López de Mendoza, señor de Fita, e al mariscal Pero García, que sean juezes de aquellos caualleros más balientemente se

³⁵ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.148.

³⁶ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.154.

³⁷ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.154.

avrán; a los quales este cauallero, por ondrá de su fiesta, tiene ordenado algunos precios, así como los siguientes capítulos de mostrará.³⁸

Ao meio dia do domingo, Juan II deixou sua pousada, em San Pablo, juntamente com seu condestável e outros cavaleiros, depois de uma parada para se armar.³⁹ Álvaro de Luna partiu para San Francisco “con sus treinta caualleros”⁴⁰, todos bem adornados de verde e amarelo:

E la librea que él e los caualleros trayan era verde e amarillos; e los quince cubiertos de verde, e cuviertos los cauallos de este mesmo paño, e los otros quince vestidos de amarillo, e las cuviertas eran esso mesmo de este paño[...]. E llegando así a la tela, pasaron por ella, según costumbre de justadores, teniendo delante dellos atabales e muchas tronpetas. E desque fueron en cavo de la tela, fiziéronse dos partes, e los vnos quedaron en el vn cabo, e los otros se fueron al outro. E luego mesclaron e voluieron su justa mucho ondradamente vnos con otros; e andaron asy bueltos.⁴¹

Posteriormente, é a vez do rei Dom Juan, vestido de verde e carregando um escudo dourado, justar com dois cavaleiros, sendo um deles Diego Gomes Manrique, filho do “adelantado” Pedro Manrique. Com o fim da participação do monarca e do condestável, os cavaleiros passam a lutar entre si, momento que Carrillo de Huete diz ter havido “muy fuertes e rezios enquentros”⁴², citando o desfecho de alguns dos embates:

E quedaron algunos de aquellos caualleros desmarcados de los arneses, e los dos dellos de los yelmos, que ge los llebaron de las caueças. Los quales fueron estos: Pedro de Sylua, fijo de Gomes de Sylua, llevó el yelmo de la caueça a Gonçalo de Quadros; e don Martín de Guzmán, fijo de don Álvaro Pérez de Guzmán, alguazil mayor de Sevilla, llevó el yelmo a Fernando de Guibara, fijo de don Pedro Veles de Guibara.⁴³

A participação de nobres oriundos de outros lugares atesta que estas cerimônias envolviam uma grande quantidade de aristocratas que se fortaleciam como grupo na medida em que se reconheciam como iguais e se comportavam honradamente. Esta festa em Valladolid contou com a presença de uma grande quantidade de pessoas, como é mostrado no seguinte trecho:

³⁸ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.154-155.

³⁹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 156.

⁴⁰ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 156.

⁴¹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 156.

⁴² CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 157.

⁴³ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 157.

A la qual justa suso dicha, vinieron la Reyna doña Maria e el Príncipe don Enrique su hijo, e otros muchos condes e perlados e caualleros e rricos-omes que a la saçón era en la corte del Rey, e otros muchos escudeiros e gentiles omes e dueñas e donzelas, e de otra gente muy mucha. Tanta, que era más de diez mil personas, entre los vnos y los otros.⁴⁴

Mais uma vez, ao final da justa, o rei, a rainha, o príncipe, seus acompanhantes, justadores, cavaleiros e escudeiros, donas e donzelas vão para a pousada em San Pablo e lá fazem “muchas danças de muchos omes vien guarnidos, e la señora Reyna e muchas dueñas bien arreadas a marauilla com ella”. Após a dança, todos comem na mesma estância:

E feçieron e feçieronse muchos momos, e vien guarnidos, e çenaron allí en sala.

En la mesa del Rey çenaron la Reyna [...] e el príncipe don Enrique [...], e doña Beatriz, fija del rey don Doniz de Portugal, nieta del rrey don Enrique e tía del Rey. E çenaron en la sala del dicho condestable el arçobispo de Santiago, e el arçobispo de Seuilla, hermano del condestable, e el adelantado Pero Manrique, e el conde don García Fernández Manrique, e el conde don Pero Niño, e otros muchos caualleros, cada vno según convenia.⁴⁵

Após o ritual de comensalidade, os juízes pronunciam a sentença e atribuem os prêmios aos melhores justadores. O monarca encabeça a lista dos premiados e é qualificado pela “virtude de su magnífica rreal persona”, ganhando um cavalo como honraria. Mas ele não é o único a ser reconhecido; estão também listados seu condestável e outros notáveis cavaleiros como Juan Niño, Pedro de Acuña, Juan de Merlo, Carlos de Arellano e Alfonso Niño.⁴⁶ A lista de agraciados ainda contempla todos os que se esforçaram, mas cuja premiação fica a cargo de favores amorosos:

después déstos a quien estos son señalados, se son mostrados más rregulosos e mejores encontradores, e auer fecho más e mejores carreras que ninugno de todos los otros, rrogamos e pedimos de graçia a sus señoras e amigas que en rremuneraçión e galardón de sus trauajos lo araçen e fagan buena fiesta.⁴⁷

⁴⁴ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 157.

⁴⁵ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 158.

⁴⁶ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 160.

⁴⁷ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 160.

O reconhecimento de nobres em cerimônias patrocinadas pelo rei constata-se igualmente nas recepções que Juan II oferece a seus pares, independentemente de serem parentes. Selecionamos três dessas formalidades nas quais o monarca acolhe outras pessoas em sua corte e como seus convivas também devem reconhecer aqueles que visitam a corte régia. Na recepção a Dom Gutierre de Sotomayor, no ano de 1432, encontram-se tais características:

[...] vino ende a la su corte el maestre de Alcántar don Gutierre de Sotomayor [...] E salieronlo a rreçebir el condestable Áluaro de Luna, e el arçobispo de Santiago don Lope de Mendoça, e don García Fernández Manrique, conde de Castñeda, e Fernán Lopes de Saldaña, e los doctores Periañes e Diego Rodrigues, e el relator Fernando Días de Toledo, e Jhoan de Sylba, e Juan de Merlo, e todos los donzeles de la casa del Rey, e otros muchos rricos-omes que ala sazón [estauan] en la corte dél. E todo asy vinieron juntamente con el maestre fasta palaçio del Rey [...]. El maestre, e todos los sobredichos con él, entró en palaçio a vesar manos e fazer rreberencia al Rey. E fecha la dicha rreberencia, despedióse del Rey, e fué con el condestable a comer, con çiertos caualleros de su casa e del maestre, e otros del Rey que con él venían.⁴⁸

O mestre de Alcântara visitara a corte régia, em Ciudad Rodrigo, para jurar lealdade ao monarca.⁴⁹ A entrada de Dom Gutierre Sotomayor é cerimoniosa, assim como o juramento feito por ele, pois “fizo omenaje en las manos del senõr Rey por las fortalezas que tenía en su maestradgo de Alcántara, e de los acoger a él o al Príncipe Enrrique su fijo, ayrado o pag[ad]o, con pocos o muchos”.⁵⁰

Tanto Ciudad Rodrigo, onde estava localizada a corte régia neste episódio, quanto os domínios do mestrado de Alcântara constituíram ambientes prestigiosos onde se desenrolou o jogo político associado aos rituais de corte. O mestre promete acolher o monarca e seu filho quando necessário, independentemente das circunstâncias em que eles se encontrassem – alegação que nos leva pensar que ele não só prioriza bem servir o monarca, mas também que expressa que tem condições de fazê-lo. Em resposta ao juramento do mestre, novamente o monarca utiliza seu pendão real como forma de reconhecimento pelos serviços prestados:

E este maestre fizo el juramento, e luego entrególe el Rey tres pendones blancos [...]

⁴⁸ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.138-139.

⁴⁹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.139.

⁵⁰ CARRILLO DE HUETE, 1946, p. 139.

El vno va vna cruz prieta, y el outro vna cruz verde e el outro vn estandarte e vna cruz verde.

E asy dados los pendones, dixo el Rey:

- Yo vos fago maestre, e vos entendo fazer otras muchas mercedes por los señalados seruicios que me fezistes.⁵¹

A segunda recepção organizada por Juan II ocorreu em 1435, em Soria, para a chegada de sua irmã, dona Maria, rainha de Aragão.⁵² Ela vinha com prelados, cavaleiros e gentis homens, e todos são recebidos com “mucha fiesta, como aquella hermana que él amaua mucho”.⁵³ O rei e seu condestável reconhecem o status de Maria e de todos os que a acompanhavam, oferecendo presentes e honrarias, tal como se esperava de homens de sua categoria:

E su condestable don Álvaro de Luna fizo grandes conbites, así a la rreyna como a todos los señalados hombres que con ella venían, e dióles mulas e otras cosas que se acostunbrauan dar los tales hombres como é el las tales fiestas como estas.

[...] E la rreyna partio de Soria viernes [...] e el Rey partio el sábado siguiente. E antes que de ay partiese la rreyna, dióle el Rey su hermano valía de doze myll florines de oro en joyeles y en paramentos de Arras. E de allí envió el Rey a Gomes Carrillo, su camareiro, fijo de López de Vasques de Acuña, con la rreyna su hermana, fasta Çaragoça, donde estava la ynfanta doña Catalina, hermana del Rey legítima de padre y madre, a la qual llevó en paños de seda e de lana, e en dineros, valía de quatro myll florines.⁵⁴

O terceiro exemplo dessas recepções promovidas por Juan II, que envolvem diferentes espaços de prestígio, relaciona-se à chegada de um alemão, chamado Ruberte, à cidade de Segóvia, onde estavam instalados o rei e sua corte. Desde o início do capítulo acerca dessa visita, o cronista informa que se tratava de alguém com bastante prestígio, pois era “señor de Valsa, e él era hombre de manera [...] y traya consigo sessenta caualgaduras [...] y traya otros diez y ocho gentiles hombres, que cada vno traya su empresa, e el señor Ruberte la suya”.⁵⁵ Juan II, juntamente com seus homens, mostra-se disposto a acolher este senhor de acordo com o nível de sua grandeza, recorrendo a outro nobre para alojar o alemão:

⁵¹ CARRILLO DE HUETE, 1946, p.139-140.

⁵² Maria de Castela era irmã mais velha de Juan II e casou, em 1415, com seu primo Alfonso V, rei de Aragão.

⁵³ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 221.

⁵⁴ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 221.

⁵⁵ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 214.

E el Rey [...] mandóle aposentar en vna posada de Fernando de Luna, alta, donde posó dicho señor Ruberto, cauallero e gentiles hombres. La qual posada fué guarnida de rricos paramentos e camas muy rricamente; e le fezieron sala e muchas onras, e saliéronlo a rescevir los condes e caualleros e gentiles hombres que a la sazón en la corte del señor Rey estaban.⁵⁶

Apesar da recepção cerimoniosa que a corte castelhana oferecia ao senhor alemão, este dispensa a formalidade e entra na cidade ainda pela manhã. A atitude desperta a curiosidade de Juan II, pois “el señor Rey maravillóse dello, e preguntóle que por qué lo avía asy fecho; e rrespondió que por no enojar a su merced ni dar travajo a los de su corte, e lo outro que su costunbre era de se lleuantar de mañana.”⁵⁷

Mesmo diante da recusa, o rei castelhano e seus gentis homens tentam agraciar o senhor alemão, oferecendo-lhe joias preciosas e cavalos apetrechados. Mais uma vez, Ruberte resiste em receber as gentilezas:

El señor Rey envió al dicho Rubert muchas joyas preçiadas, e cauallos guarnidos, e otras cosas; de lo qual no quiso rresçeuir cosa alguna, deziendo que quando de su tierra avía salido avía fecho voto de non rresçebir cosa alguna de rrey ni príncipe ny de outro señor. E tanto le afincó el señor Rey, a que ovo de rreçevir la devisa solamente del Collar del señor Rey de Castilla.⁵⁸

Apesar da recusa em relação a certas cerimônias, o desfecho da visita se dá com um pedido de mercê por parte de Ruberte. O alemão pede ao monarca castelhano uma carta que o autorizasse a entrar em terra de mouros, juntamente com Fernán Álvarez, senhor de Valdecorneja, com o objetivo de que este o armasse cavaleiro lá, bem como aos homens que o acompanhavam. Juan II atende ao pedido de Ruberte, reconhecendo-o, honradamente:

E al señor Rey plógole dello, e dióles sus cartas para el dicho Fernánd Álvarez, que luego entrase con ellos e los armase cavalleros. E partieron de Segobia, e fueron a Fernánd Álvarez, e diéronle las cartas del señor Rey; e entraron en tierra de morros, e todos prouaron muy vien. E allí se araron todos veinte caualleros, e se tornaron para su tierra.⁵⁹

⁵⁶ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 214.

⁵⁷ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 214.

⁵⁸ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 214-215.

⁵⁹ CARRILLHO DE HUETE, 1946, p. 215.

Percebe-se, então, que as formas que envolvem as cerimônias, como as já citadas, mostram que a lógica do prestígio envolve todos os participantes, tanto anfitriões como convidados. Ambas as partes se retroalimentam dentro de seu próprio grupo social, partes que se destacam daqueles indivíduos que não pertencem à nobreza, mas que assistem e participam da exibição pública. Juan de Silva, Alfonso Álvarez, Álvaro de Luna e Iñigo Lopes de Mendoza oferecem festas ao monarca e ao resto da corte à altura daquilo que a nobreza deve receber. Da mesma maneira, o monarca também deve promover cerimônias para reconhecer seus iguais e recompensá-los pelo seu status e serviços, a exemplo das recompensas dadas aos cavaleiros que justaram em Valladolid e às recepções oferecidas ao mestre de Alcântara, à irmã Maria e ao cavaleiro Ruberte.

Com base nesta constatação, entendemos que a lógica do prestígio para a nobreza medieval parece ser mais complexa do que para a nobreza moderna. Enquanto no século XVIII a lógica do prestígio está diretamente vinculada a uma única corte, especialmente fixada, na Idade Média notamos a existência de vários cenários e situações capazes de servir como espaços de prestígio: uma corte régia itinerante e domínios da nobreza em diferentes localidades – seja em Madri, Toledo, Ciudad Rodrigo, Alcalá de Henares ou na vila de Ayllón.

CONCLUSÕES

Sabendo das intenções enaltecedoras que as crônicas régias possuem e, paralelamente, analisando a narrativa do documento, consideramos que a repetição e a descrição das diversas festividades no *Halconero* permitem considerar a importância que aqueles nobres castelhanos davam à sua própria cultura e às maneiras de agir publicamente. A valorização desses costumes tradicionais - tanto por parte do cronista quanto dos senhores que encomendavam as crônicas – além de enaltecerem os locais e os participantes das cerimônias ocorridas no reinado de Juan II (festas, justas, entradas reais, banquetes, etc.), serviam de modelo futuro para o que seria uma corte ideal.

Tais aspectos subjetivos da dinâmica curial, baseados na exibição e no controle de um determinado modo de vida e na própria lógica do prestígio, refletiam a maneira como aqueles indivíduos idealizavam um modelo de sociedade e como se comportavam a partir dele. Ligados diretamente aos rituais e às cerimônias, estas particularidades nos mostraram

como o jogo de poder dentro e fora da aristocracia de corte era sentido e visto pela sociedade medieval. Percebemos que a itinerância do rei e de sua corte ainda era uma das condições necessárias para que ele demonstrasse todo seu poderio e esplendor. O “andar pelo reino” possibilitava que o monarca conhecesse, fosse reconhecido e se apropriasse dos espaços por onde passava, ampliando e alimentando seu próprio prestígio.

Em contrapartida, os nobres destas vilas e cidades visitadas também se fortaleciam com a presença física de Juan II e dos outros nobres que o acompanhavam. A bajulação e emulação entre os personagens e grupos que participam desse cenário ao redor do monarca são traços que evidenciam a pluralidade de atores na corte, de grande protagonismo, sem os quais a corte da baixa Idade Média seria impensável. Portanto, os grandes senhores são, ao lado do rei, responsáveis pelo prestígio da corte. Nos parece pouco acertado estudar esse importante espaço de poder como um local espacialmente fixo, socialmente homogêneo e monopolizado politicamente pelo monarca.